

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU  
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**ANA CRISTINA DE MOURA**

**O ESPAÇO, A VIOLÊNCIA E O SILÊNCIO DAS MULHERES NEGRAS, EM  
*OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.**

**PATU  
2018**

**ANA CRISTINA DE MOURA**

**O ESPAÇO, A VIOLÊNCIA E O SILÊNCIO DAS MULHERES NEGRAS, EM  
*OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto.

PATU  
2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

M929e Moura, Ana Cristina de  
O espaço, a violência e o silêncio das mulheres negras, em Olhos d'água, de Conceição Evaristo. / Ana Cristina de Moura. - Patu, 2018. 44p.

Orientador(a): Profa. M<sup>a</sup>. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto.  
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Resistência. 2. Mulheres negras. 3. Espaço. 4. Violência. 5. Silêncio. I. Pinto, Francisca Lailsa Ribeiro. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

**ANA CRISTINA DE MOURA**

**O ESPAÇO, A VIOLÊNCIA E O SILÊNCIO DAS MULHERES NEGRAS, EM  
*OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof. Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto - Orientadora  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

---

Prof. Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

---

Prof. Ma. Maria Gorete Paulo Torres  
Membro externo

Aos meus pais, que sonharam juntos comigo para concretização desta etapa tão importante em minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Primeiro, quero agradecer a Deus por ter me presenteado com a oportunidade de concluir essa etapa em minha vida, por me conceder calma e discernimento, nos momentos em que as dificuldades aumentavam. Gratidão a ti, meu Deus.

Aos meus pais, Antonia (Toinha) e Giovanni, que sempre exerceram a função de pilastra, me apoiando em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis, nos quais pensei muitas vezes em desistir, por acreditar não conseguir, mas eles com todo amor e sabedoria me mostraram que essa não era a solução, e, que eu teria sim a capacidade de ultrapassar todas as dificuldades. A vocês todo meu amor e gratidão, essa conquista é para vocês.

Aos meus irmãos Giovanni Junior e Maria Luiza, que dividiram comigo os mistos de emoções no decorrer desses quatro anos, e me serviram de exemplo e tanto me apoiaram, nos dias de lutas. Amo vocês, minhas fortalezas. Aos demais familiares, que de uma forma ou outra contribuíram, para que esse momento tão esperado pudesse enfim chegar. O apoio de vocês foi de fundamental importância.

Ao meu namorado, Leonardo Moraes, que desde o momento que apareceu em minha vida, me apoiou e encorajou. Muito obrigada, por estar ao meu lado, meu amor.

A minha parceira, Lana Suiana, que esteve comigo desde o início, que dividiu todas as angústias, alegrias, indecisões, momentos e sensações inexplicáveis. Muito obrigada, você contribuiu muito para que eu estivesse aqui. Sua amizade e companheirismo foi de suma importância, tanto na vida acadêmica e pessoal. Tens um lugar especial em meu coração.

A minha orientadora, Lailsa Ribeiro, que abraçou comigo a vontade de concluir esse ciclo, que teve paciência e por dividir tantos conhecimentos que contribuirão para toda vida. O agradecimento se estende aos demais professores e a banca examinadora que contribuíram na minha graduação.

A Sueleide e Leoderson, por todo apoio, dado no decorrer da graduação.

Aos demais colegas de sala e curso, que construíram juntamente comigo tantos conhecimentos e aprendizados que vou levar por toda minha vida. Obrigada, pela presença de cada um nas nossas manhãs, e, outros momentos nesses últimos anos, vou levar comigo nossos melhores momentos. E em nome de Leocides Gomes, Danielly, Jessé, Natália, Fernanda, Angela e Francineide (Fia), agradeço aos amigos que acreditaram e me apoiaram de alguma forma.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade analisar o silenciamento das vozes negras femininas diante do espaço e da violência opressora, tendo como *corpus* os contos *Duzu-Querença* e *Maria*, da coletânea *Olhos d'água* de Conceição Evaristo. Procurando entender o motivo do silenciamento das mulheres negras, ao serem vítimas de violências e o porquê delas não se defenderem, utilizamos como embasamento para nossa análise crítica e teórica os estudos de Alves (2010), Arruda (2012), Cardoso (2017), Schollhammer (2009), Castro (2009), Dalcastagnè (2012, 2015, 2018), Bernd (1988), Duarte (2017), Evaristo (2009, 2016), Orlandi (2007), Ribeiro (2016, 2017, 2018), Sciacca (1967), dentre outros. Esta pesquisa aborda os aspectos correspondentes a literatura contemporânea, negra e afro-brasileira, a produção de Conceição Evaristo na literatura afro-brasileira; bem como as questões envolvendo a crítica feminina, o espaço onde se encontram as mulheres negras, vítimas de violência, já demonstrando nos contos, além do silêncio coletivo que envolve as mulheres representadas nos contos. Diante disso, foi perceptível que o silenciamento dessas mulheres estão ligados a submissão, a lealdade ao outro e a política de silêncio, no caso, a censura, ou seja, repressão/opressão. O espaço destinado as mulheres negras é de marginalização e percebemos que não há um lugar específico para que a violência aconteça, ou seja, no meio social.

**Palavras-chave:** Resistência. Mulheres negras. Espaço. Violência. Silêncio.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the silencing of women's voices on black space and oppressive violence, with a corpus the Duzu-Querença and Maria tales, the collection Eyes water Conceição Evaristo. Trying to understand the silencing reason black women, to be victims of violence and why they do not defend, we use as a basis for our critical and theoretical analysis the studies Alves (2010), Arruda (2012), Cardoso (2017), Schollhammer (2009), Castro (2009), Dalcastagnè (2012, 2015, 2018), Bernd (1988), Duarte (2017), Evaristo (2009, 2016), Orlandi (2007), Ribeiro (2016, 2017, 2018), Sciacca (1967), among others. This research addresses the aspects related to contemporary literature, black, african-Brazilian, production of Conceição Evaristo the african-Brazilian literature; as well as issues involving women's critical space where black women, victims of violence, already demonstrating the tales, besides the collective silence that surrounds the women represented in the stories. Therefore, it was noticeable that the silencing of these women are tied submission, loyalty to each other and the policy of silence in the case, censorship, or repression / oppression. The space for black women's marginalization and realized that there is a specific place for violence to happen, that is, in the social environment. It was noticeable that the silencing of these women are tied submission, loyalty to each other and the policy of silence in the case, censorship, or repression / oppression. The space for black women's marginalization and realized that there is a specific place for violence to happen, that is, in the social environment. It was noticeable that the silencing of these women are tied submission, loyalty to each other and the policy of silence in the case, censorship, or repression / oppression. The space for black women's marginalization and realized that there is a specific place for violence to happen, that is, in the social environment.

**Key words:** Resistance. Black women. Space. Violence. Silence.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2</b>	<b>A LITERATURA CONTEMPORÂNEA, LITERATURA NEGRA E AFRO-BRASILEIRA E A BUSCA DAS NOVAS VOZES PELOS ESPAÇOS LITERÁRIOS</b> .....	11
2.1	LITERATURA CONTEMPORÂNEA: UMA FORMA DE ENXERGAR OS MARGINALIZADOS.....	12
2.2	UM OLHAR PARA LITERATURA CONTEMPORÂNEA, LITERATURA NEGRA, LITERATURA AFRODESCENDENTE E CONCEIÇÃO EVARISTO .....	16
<b>3</b>	<b>ESPAÇO, SILÊNCIO E VIOLÊNCIA PRESENTES NA “VIDA DE FERRO” DAS MULHERES NEGRAS</b> .....	24
3.1	PENSANDO A CRÍTICA FEMINISTA E O ESPAÇO DE VIOLÊNCIA EM QUE SE ENCONTRAM AS MULHERES NEGRAS .....	24
3.2	O SILÊNCIO DAS VOZES NEGRAS DIANTE DA VIOLÊNCIA REPRESENTADOS NOS CONTOS <i>MARIA E DUZU- QUERENÇA</i> , DE CONCEIÇÃO EVARISTO .....	32
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42

## 1 INTRODUÇÃO

Ao optar pela área da literatura buscamos algum aspecto que envolvesse a figura feminina, dando enfoque na identidade negra e ampliamos nosso conhecimento em estudos como esse apenas na academia. E o texto literário contemporâneo que chamou nossa atenção foi o de Conceição Evaristo<sup>1</sup>, pois consegue envolver o leitor, focando sua literatura em aspectos afro-brasileiros, em especial a figura feminina, questões essas ligadas à sua história de vida a de um coletivo, fazendo com que entendamos a resistência das mulheres, em superar as dificuldades cotidianas, carregadas de violência e preconceito, dando voz a essas mulheres, que muitas das vezes estão ao nosso lado, e de alguma forma são presente no nosso dia a dia.

Dentre tantos aspectos a serem analisados, decidimos delimitar meu tema na vida difícil das personagens femininas e os silêncios que elas trazem, ocasionados devido à violência, geralmente a violência física, em um mundo tão complexo, carregado de preconceito e discriminação, apresentados na coletânea de contos *Olhos d'água*, publicado no ano de 2016, 1ª edição. Para isto, selecionamos dois contos dentre os que compõe a obra para ser o *corpus* da nossa pesquisa, são eles: *Maria* e *Duzu-Querença*, contos estes, em que as personagens principais são mulheres ficcionais retratando a realidade de um coletivo, e mais evidenciam os aspectos anteriormente citados.

O presente trabalho justifica-se por perceber a necessidade de expandir o olhar para aquele que é considerado periférico, silenciado diante da violência. Neste caso, a pesquisa será voltada a mulher negra, pois nos encontramos em um momento em que através do movimento feminista a mulher conquistou o direito de estudar, votar, se separar, entre outros, que possibilitou as mulheres ganharem mais espaço na sociedade. No entanto, muitas questões e concepções ainda são discutidas acerca da sua postura, seu espaço de trabalho, seu comportamento, em suma, seu papel social. E a literatura brasileira contemporânea proporciona por meio dos romances, contos e etc., a visão e a evolução a posição da mulher na sociedade, abordando também qual o estilo ela assume perante os que estão a sua volta, dando espaço para tratar de assuntos que antes não eram permitidos.

E, se tratando da mulher negra essa abordagem se torna mais escassa, visto que raramente ela possui destaque em alguma obra, ficando mais a margem, ou seja, em outros planos, como Evaristo (2009, p.20), diz que a “[...] construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados

---

<sup>1</sup> A partir de agora usaremos as iniciais C.E. para Conceição Evaristo.

pela literatura brasileira, em geral”. Na produção de Evaristo, ela busca dar voz e mostrar a vida dessas mulheres marginalizadas, mostrando o cotidiano carregado e enraizado de preconceitos e dificuldades enfrentadas pelos afrodescendentes.

O interesse em desenvolver essa pesquisa é o de conhecer mais os ideais da construção das personagens com mulheres negras no romance, e a postura da sociedade patriarcal na tentativa de silenciá-las ao ser vítima de uma violência e os espaços por elas ocupados, tendo consciência que é algo corriqueiro e passa despercebidos aos olhos de muitos cidadãos. A motivação para o desenvolvimento desse tema se deu após estudar os contos e conhecer a escritora Evaristo na disciplina de Literatura Brasileira IV, ministrada pela professora Annie Figueiredo, no sétimo período da graduação, uma vez que é algo pouco explorado na academia.

Os contos em *Olhos d'água* se diferenciam de muitos, pois adentra aos questionamentos vivenciados no cotidiano de mulheres negras, mostrado a partir da voz abafada do periférico, levantando assim, os questionamentos: Quais os motivos das mulheres negras serem colocadas em evidência a partir da combinação das opressões de violências: raça, gênero, classe e outras categorias discriminatórias e os espaços que elas tendem a ocupar? Como as mulheres negras de Conceição Evaristo conseguem expor a dureza que é sobreviver em uma “vida de ferro”<sup>2</sup>, deixando os que estão a sua volta, silencie-as e não permitam que elas mostrem a sua defesa diante da violência cometida contra elas?

Para responder essas perguntas temos como objetivo geral de pesquisa: examinar o espaço que as mulheres negras estão inseridas e o silêncio evidenciado pela combinação de opressões de violência de gênero a partir dos contos: *Maria* e *Duzu-Querença*, de Conceição Evaristo. E para alcançá-lo partimos de objetivos específicos. Primeiro, discutir a literatura contemporânea enquanto reflexo de uma sociedade doente e a sua contribuição na escrita de Conceição Evaristo, esse será o ponto inicial para elaboração da nossa análise. Segundo objetivo é compreender a contribuição da crítica feminista para os estudos literários, dando destaque ao movimento feminista negro, uma vez que nosso foco são as mulheres negras, se faz necessário entender as conquistas desses movimentos e a sua contribuição para produção dos contos selecionados. E por último, analisar o silenciamento das vozes negras femininas e a violência opressora, nos contos selecionados através das personagens. Acreditamos que os contos selecionados, a crítica literária relacionada ao feminismo, ao silêncio e a violência opressora nos auxiliará para a construção da análise que objetivamos.

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada por Heloisa Toller Gomes, no prefácio do livro *Olhos d'água*.

Para isso, o presente trabalho será desenvolvido através da pesquisa qualitativa explicativa. Pois, segundo Gil (1989, p.46) esse tipo de pesquisa, tem a função de explicar “ a razão, o porquê das coisas”. Assim, esta pesquisa tem como foco a explicação para a omissão da voz da mulher negra ao ser vítima de violência em alguns espaços por meio das personagens presente nos contos *Maria e Duzu-Querença* de *Olhos d'água*, da escritora Conceição Evaristo. De forma didática, para que tenhamos base e uma análise mais elaborada, dividimos a pesquisa em dois capítulos.

Assim, a constituição do primeiro capítulo terá como foco os aspectos relacionados a **Literatura contemporânea: uma forma de enxergar o lado do marginalizado**, fase em que a autora se firmou, para isso teremos como críticos e teóricos Esteves (2017), apresentando a origem e as primeiras manifestações da literatura no Brasil, José Luís Jobim (1987) e Fabiana Medeiros (2013) mostrando o que é a literatura e a formação das fases literárias, Karl Schollhammer (2009) abordando os aspectos que compõem a literatura contemporânea. Já no segundo subtópico: **Um novo olhar para Literatura contemporânea, Literatura negra, literatura afrodescendente e Conceição Evaristo**, usaremos os autores: Zilá Bernd (1988), Miriam Alves (2010), Duarte (2017), Djamila Ribeiro (2017), dentre outros, na definição da literatura negra e afrodescendente e para conhecer mais sobre Evaristo.

Já no segundo capítulo, iniciamos com: **Pensando a crítica feminista e o Espaço de violência em que se encontram as mulheres negras**, levando em consideração aspectos da crítica feminista das pesquisadoras Heloisa Hollanda (1994), Susan Okin (2008) e Djamila Ribeiro (2016, 2018), o espaço em que geralmente ocorre a violência, usando como crítica o texto de Regina Dalcastagnè (2015). E seguimos com **O silêncio das vozes negras diante da violência, representados nos contos Duzu-Querença e Maria, de Conceição Evaristo**, com pesquisadores como Eni Orlandi (2007) e Michele Sciacca (1967) que serão fios condutores da nossa análise em relação ao silêncio das vozes negras diante da violência.

É necessário acrescentar que a pesquisa sobre os contos de Conceição Evaristo não se esgota na análise dessas páginas, mas sim acreditamos que novos olhares e questionamentos surgem a partir das possibilidades do texto literário. Esperamos que a mesma possa contribuir para aqueles que, posteriormente, irão estudar a figura da mulher, o seu silêncio diante as injustiças contra si e os aspectos representados por essas personagens ou mesmo esclarecer alguma dúvida que envolva essa linha de pesquisa.

## **2 A LITERATURA CONTEMPORÂNEA, LITERATURA NEGRA E AFRO-BRASILEIRA E A BUSCA DAS NOVAS VOZES PELOS ESPAÇOS LITERÁRIOS**

Neste capítulo, serão introduzidos aspectos relacionados a literatura contemporânea, negra e afro-brasileira, que servirão como base para que haja uma melhor compreensão da análise dos contos *Maria e Duzu-Querença*, de Conceição Evaristo, uma vez que os mesmos nascem nas provocações da literatura voltada para as minorias, pois, foram produzidos, no período contemporâneo e a sua autora é considerada um dos produtores de literatura afro-brasileira.

## 2.1 LITERATURA CONTEMPORÂNEA: UMA FORMA DE ENXERGAR OS MARGINALIZADOS

Sabemos que a literatura passou por muitas mudanças com o decorrer dos anos, as quais são mais conhecidas como fases. Nesta pesquisa, o nosso foco será na fase contemporânea, uma vez que a obra a ser estudada faz parte desse momento literário. E para chegar a essa fase literária, correspondente a nossa proposta de pesquisa, faremos uma breve explanação para conhecer como a literatura surgiu no país.

Levando em consideração Esteves (2017), a literatura chegou as terras brasileiras logo após a proclamação da independência, essas manifestações partiam com base na necessidade de organização e conhecimento da nação. Essas manifestações eram dependentes dos portugueses que vinham para o Brasil, pois, eles escreviam, como forma de informar a corte portuguesa, a cultura e a diversidade dos nativos, comparando esses aspectos aos do seu país.

É através da literatura que os autores apresentam o que se passava em determinados períodos históricos. Segundo Oliveira (2013, p. 12), muitos aspectos só se firmaram com a evolução da humanidade, mudanças ocorreram nos escritos e produções, porém não foram capazes de acabar com “esta arte”, uma vez que ela é o fruto dos momentos históricos. Sendo assim, podemos dizer que a composição de uma obra literária, depende dos acontecimentos, do contexto e do que é capitado, da sociedade, por aquele que a produz.

Para Oliveira (2013), por mais que a literatura seja construída a partir de aspectos sociais, ela não segue totalmente os fatos, esses aspectos, no entanto, sofrem adaptações. Ela possui traços de seu autor, que acrescenta ou adequa o que observa, sua experiência, fazendo assim uma junção de ideias que são capazes de produzir uma obra, levando em consideração o momento histórico e o conhecimento do autor.

E com base em Jobim e Souza (1987), o texto literário é o resultado de um acontecimento histórico-social, com a vontade de criar, de seu autor. Essa vontade intencional do criador, juntamente com o contexto em que está inserido, são elementos que constroem os

textos literários, portanto esses textos terão traços de seu autor e do momento que é produzido, mas vale ressaltar que a sua interpretação não ficará presa ao seu ponto de vista, dependerá sim, do leitor e seu conhecimento de mundo.

E é com o passar do tempo que os contextos se modificam e conseqüentemente a literatura também, formando assim as estéticas literárias. Segundo Medeiros (2013), as obras literárias servem para auxiliar o leitor a refletir as ações dos homens no mundo e como é o seu relacionamento com seus semelhantes. Assim como as relações humanas se transformam, a literatura, conseqüentemente, passa por transformação, dando abertura para novas visões e formas de expressão de pensamento e exposição de mundo.

Dessa forma, acrescenta Jobim e Souza (1987), que as primeiras manifestações da literatura no Brasil, aconteceram por volta dos anos de 1500, no período colônia, e eram na verdade uma espécie de prolongamento da que era produzida em Portugal, já que o Brasil era uma terra que ainda não possuía domínio literário. As primeiras escritas literárias foram o Quinhentismo, o Barroco e o Arcadismo, fases essas, surgiram no século XVII a primeira metade do século XVIII.

Neste pensamento de Jobim e Souza (1987), foi na segunda metade do século XVIII, que surgiu a fase chamada Romantismo, a partir da segunda metade do século XIX, surge novas fases que foram denominadas Realismo, Naturalismo e Parnasianismo. Após entrarem em decadência, por volta de 1880, surge a fase Simbolista, após essa fase, teve um período denominado de pré-Modernismo que antecedeu a fase Modernista, que começou no ano 1922 e perdurou até os anos cinquenta. Desde então, a estética que corresponde a esses anos, é tida como pós-Modernismo, a qual se encontra a fase Contemporânea, é nela que está inserido o romance *Olhos d'água*, que na sua composição, estão os respectivos contos, selecionados para nossa análise.

Ao levar em consideração Schollhammer (2009), vemos que o contemporâneo é aquele que busca expressar o que consegue captar, identificar e também dar espaço a novas visões de mundo. Assim, a literatura contemporânea não é exatamente aquela que expressa o presente, mas a que demonstra a perspectiva de quem assume o desejo de mostrar algo, que passa despercebido e que o escritor cria um ponto de vê-lo e manifestá-lo.

Uma das finalidades da fase contemporânea é abranger um número maior de leitores, e para que isso ocorra, utilizaram de mecanismos como textos mais curtos e que deem conta do tema a ser tratado. O gênero em alta nessa fase é o conto, pois:

Em se tratando especificamente do conto contemporâneo, nota-se que este acompanha as mudanças da era moderna capitalista. O homem, com seus limites e apreensões, em sua luta diária perante a sociedade esmagadora, e até suas pequenas vitórias cotidianas, é o retrato do final do século XX e início do século XXI. E é a esse retrato que se refere o conto atual. Não há mais uma preocupação como tinha o humanismo liberal, com grandes feitos e soluções. Hoje, o conto está centralizado nos pequenos (ou grandes) problemas individuais, que nem sempre têm soluções, como são também na realidade. (ARRUDA, 2012, p. 225).

Percebe-se que a literatura busca se adequar as realidades de seus leitores, tendo fatos, ou conquistas do cotidiano como o foco, deixando de lado os grandes feitos, marca registrada de outras fases literárias. Segundo Schollhammer (2009, p. 14-15), a brevidade da escrita contemporânea se dá pela vontade e a urgência de mostrar o que é “real”. E que por mais que o conjunto de contos seja pequeno, ele é capaz de tornar seu autor reconhecido e ganhar espaço em editoras, ficando em evidência, nem que seja por pouco tempo.

Schollhammer (2009) coloca a literatura contemporânea como uma nova versão do realismo, uma literatura que busca se reinventar para dar conta de questões relacionadas a sociedade, principalmente as classes marginalizadas, como uma espécie de denúncia social da dura realidade das pessoas que sofrem com violência, com o descaso que é camuflado por uma sociedade patriarcal.

Conforme Castro (2009), não se faz necessário tentar explicar um texto contemporâneo pelo contexto quando se tem a concepção que ele é uma história contada, que tanto pode ser do particular ou do coletivo. Essa recente literatura é, portanto, a versão de histórias de nós, um reflexo da sociedade, que é visto pelo seu escritor, é também vidas que alimentam a construção de um texto, que dão inspiração para criação literária, ou seja, é a vivência de uma pessoa e sua relação com o exterior, seu comportamento, sua visão do mundo, coisas cotidianas de vidas simples e são por esses fatores que a literatura contemporânea se afasta das demais e permite que tenhamos acesso a novas vozes e olhares literário.

O surgimento dessas novas vozes, é contestado por muitos críticos, pois segundo Dalcastagnè (2012), o que está em questão é a forma de falar de si e do mundo, e de tornar o que antes era invisível, visível no mundo. A busca por um lugar no campo literário, se torna cada vez mais constante e para isso críticos e autores buscam por tornar sua escrita legítima. Por isso as novas vozes passam por dificuldades para serem aceitas, o pensar diferente, e a voz de quem não é reconhecido no âmbito literário traz um certo desconforto entre os que possuem visão diferente e já teve seu espaço e poder.

Esse espaço está sempre em disputa e por isso a literatura contemporânea tem ao seu redor vários problemas. Uma vez que a sociedade busca passar uma imagem de homogênea, ela é constituída por hierarquias, pois há separações de determinados grupos de que podem ou não fazer, como por exemplo, pessoas quais tem uma concepção formada para quem pode ou não escrever literatura (DALCASTAGNÈ, 2012). E o surgimento de novos pensadores, que muitas das vezes não se encaixam nessas concepções formadas, podem gerar conflitos e nem sempre são demonstrados. Assim a literatura contemporânea refletida como um “jogo de forças”, de quem a produz e o modo que é produzida, se está produzindo algo diferente, novo e os quais não querem perder seu “lugar”.

Ultimamente esses campos de publicação ganharam mais espaços, surgiram novos mecanismos para publicar textos, tendo o autor diversas possibilidades de tornar seu texto acessível ao público. Mesmo assim, ainda existe a disputa pelos espaços, uma vez que “publicar um livro não torna ninguém escritor” (DALCASTAGNÈ, 2012, p.14). Não é apenas pelo fato publicar, mas sim, perceber que há muitas semelhanças, inclusive de classe social, entre os autores contemplados. Há uma divisão de perfil, e aqueles que não são de certa forma parecidos com os já contemplados com o espaço, causam um desconforto.

Pessoas de condição simples de vida, e são muitas das vezes tachados como marginalizados, não são aceitas de imediato no campo literário, existe um receio, pois não é o perfil como costumamos a ver, ocupando espaço na literatura. Aqueles que prezam pela formalidade da língua portuguesa nos diz que “[...]essas pessoas têm pouca educação formal, pouco domínio da língua portuguesa, pouca experiência de leitura, pouco tempo para se dedicar à escrita” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 14), ficando claro assim, quanto essa produção incomoda, pois não é o retrato que temos concebido do que é autor. A insistência de alguns, acabam conseguindo a atenção do leitor, muitas das vezes pelo seu conteúdo, que é interessante e não a forma como foi produzido, ou seja, se sua escrita é formal ou não.

E em se tratando do seu público leitor, a concepção de Dalcastagnè (2012, p. 17) sobre o significado de um texto literário, ele “se estabelece num fluxo em que tradições são seguidas, quebradas ou reconquistadas e as formas de interpretação e apropriação do que se fala permanecem em aberto”, possibilitando a aquele que concebe o texto dar o seu parecer, conforme seu contexto e conhecimento histórico.

Em relação a literatura produzida por Conceição Evaristo, ela evidência a realidade das pessoas que estão marginalizadas. Na coletânea por nós selecionada, percebemos que o espaço destinado a essas pessoas, em especial as mulheres negras são o de exclusão e segundo o texto *Mulheres negras e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea*, de Dalcastagnè

(2015), o espaço por elas ocupados são rodeados de discriminação e rejeição. Um espaço carregado de sofrimento, pois, segundo Dalcastagnè (2015), os lugares que essas pessoas buscam como ponte para o progresso é onde elas se deparam com a dura realidade, da discriminação, opressão e com a violência.

É através do texto literário que é exposto o quanto as mulheres negras estão vulneráveis a violência, que muitas das vezes passam despercebidas aos olhos da sociedade. Por meio do texto *Mulher negra: o outro do outro*, de Ribeiro (2017), a autora apresenta alguns índices de violências contra as mulheres, ela mostra que é através das desigualdades e da sociedade não voltar o olhar para classe negra, elas são tendenciadas a sofrerem com a falta de política pública que as assegure diante dos preconceitos e invisibilidade social.

## 2.2 UM OLHAR PARA LITERATURA CONTEMPORÂNEA, LITERATURA NEGRA, LITERATURA AFRODESCENDENTE E CONCEIÇÃO EVARISTO

No texto *A introdução à literatura negra*, de Zilá Bernad (1988), ela não define a literatura negra como aquela que esteja apenas vinculada a cor da pele ou apenas temática que ele utiliza, mas aquela que surge de um indivíduo que se assume negro, geralmente esse tipo de literatura é escrita em primeira pessoa. É de certo modo a visão do mundo, na concepção de quem a escreve, deixando de lado a produção ditada pelo branco. Mostrando sua opinião e o modo sentir o mundo, ou seja, o modo de escrever vem da perspectiva do negro.

Com base em Bernd (1988, p. 22-23), o surgimento da literatura negra é uma tentativa de recuperar ou até mesmo buscar a cultura negra, que foi ficando para trás, com o passar dos tempos, uma identidade que se perdeu diante da dominância da cultura branca e pelo tempo que a cultura negra não foi valorizada no território brasileiro.

Já na introdução do texto *Brasilafro autorrevelado*, de Miriam Alves (2010), nos diz que a Literatura afro-brasileira, só passou a ser usada assim no Brasil a partir de 1970, antes eram “utilizada em publicações de antologias”. Quando adotada “pelos escritores negros brasileiros” foi tida como uma força a mais para a denúncia da sociedade hipócrita, e sua discriminação racial. E que,

Inclusive, a seleção excludente envolvendo quais autores devem ser lidos, quais conteúdos e textos devem fazer parte dos programas escolares e a indicação de leituras nos veículos especializados, nos quais quase nunca figuram autores afrodescendentes com conteúdo que questionam a propalada harmonia entre raças no Brasil. (ALVES, 2010, p.8).

Como vemos essa produção literária só poderia fazer parte de programas voltados a educação caso aquele que o elaborasse também escolhesse. A autora acrescenta, que essa literatura produzida por afrodescendentes era praticamente excluída, e que possuem um conteúdo que nos leva a questionar a espalhada harmonia entre as raças no território brasileiro.

Com isso, os trabalhos dos afro-brasileiros estão presentes em quase todas as atividades ligadas a arte, desde o período colonial, mas que o reconhecimento nem sempre era alcançado. Em se tratando de literatura também sofrem com a não divulgação dos textos, e por muitas vezes não os tornando em livros. Isso se daria devido perda de produções, circulação restrita, ou até mesmo “o apagamento deliberado dos vínculos autorais e mesmo textuais, bem como da etnicidade africana em função do processo de miscigenação branqueadora que perpassa a trajetória dessa população” (ALVES, 2010, p. 41), ou seja, apagar o que é de uma certa autoria negra para dar mais espaço a miscigenação. Estes são os pontos que Alves (2010) apresenta, considerados a causa para os impedimentos da produção literária negra.

É por isso que a literatura afro-brasileira, busca dar significado ao “autoreconhecimento” e discute os aspectos que formam a identidade brasileira, mostrando que a democracia racial é apenas um mito. Sendo assim, seu objetivo é “[...] soltar a voz encarcerada, tocar em assuntos polêmicos e tabus [...]” (ALVES, 2010, p. 42), escrevendo o que realmente se passa sem camuflar os fatos e principalmente partindo da visão daquele que passa ou presencia determinadas situações, é uma abertura para aquele que é marginalizado, possa mostrar sua realidade.

Levando em consideração a leitura de Alves (2010), que embora desconhecida de maneira geral por mídia ou produções canônicas, as produções dos escritores negros brasileiros marcaram presença tanto em entidades como em manifestações negras. Os escritores produziam textos críticos que tinham a função de levar o leitor a refletir e se conscientizar e se juntar a luta para libertar aqueles que sofrem com as desigualdades.

Sendo assim, se faz necessário ainda esclarecer a definição de literatura afro-brasileira. Duarte (2017), tem como definição para literatura afro-brasileira, é que ela vai além do se autodeclarar negro ou afrodescendente, seu foco está na visão de seu autor sobre um determinado assunto e/ou acontecimento e contemplar a aceitação de um sujeito étnico. O que distingue essa literatura, segundo Duarte (2017) é ainda um conceito em construção, mas em suma, seus elementos principais são a consciência da existência da política e cultura afrodescendentes, e a perspectiva utilizada pelo enunciador e o lugar em que se enuncia, enfim os aspetos ligados a essa cultura sendo marcado na escrita e os pontos a serem examinado e destacados por Duarte (2017) são: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o

público. Na abordagem desses aspectos, Duarte (2017) cita como exemplo a autora Conceição Evaristo.

E, pensando nos textos de Conceição Evaristo enquanto mulher negra, Alves (2010) nos traz a reflexão de que é indispensável para entender a contribuição de mulheres como Evaristo, para literatura afro-brasileira, é levar em consideração o tempo colonial, as más condições e discriminações raciais que ultrapassaram mais de três séculos, e que ainda se faz presente de forma encoberta na sociedade brasileira. É importante também a relação delas com o movimento feminista, que teve algumas falhas em relação a essa classe. Foi então que a militância feminista negra, percebeu que teria de superar conceitos enraizados nas mentes das mulheres brancas, que era a feminilidade através da cor clara da pele.

Outro ponto apontado por Alves (2010) é o fato das mulheres brancas se manterem puras e intocadas, enquanto as negras são exploradas sexualmente, violência essa que era cometida por seus senhores, patrões muitas das vezes e seu local de trabalho, mostrando assim o quanto essa mulher é submissa e tida como escrava, o conto *Duzu-Querença*, de Conceição Evaristo, evidencia uma situação semelhante, pois Duzu é violentada sexualmente no seu local de trabalho. Vemos assim, que estas são tratados apenas como objeto e que essas mulheres são subordinadas historicamente, sendo a mulher negra ainda mais submissa, que a mulher branca, as vontades dos dominantes.

Portanto, não é uma questão apenas de lidar com as diferenças de ser mulher, pois, se tratando da mulher negra, duplamente minoria, pois vai além das diferenças de gênero, uma vez que numa sociedade em que o tom da pele é sinal de poder *versus* submissão, que há de fato muitas barreiras, a serem derrubadas, e é tentando derrubar essas barreiras, que nos contos de Conceição Evaristo, fica tão evidente a mulher negra que busca mostrar sua força, tentando ocupar um lugar que não seja o da margem e ao mesmo tempo denunciar a falsa democracia racial. Esta é a versão da história da mulher negra, resistente, que nos é apresentada na literatura negra.

Nesse contexto, geralmente “[...] a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é homem” (RIBEIRO, 2017, p. 37). É como se a mulher não tivesse uma definição de gênero, é apenas tida como o oposto do homem, partindo desta perspectiva, se percebe a submissão do feminino. Essa submissão acaba tornando a mulher em apenas um objeto e que por isso o homem pode ser o dominante, dono, possuidor. Assim, o homem é tido como o centro da sociedade e a mulher por não ser seu oposto acaba sendo apenas considerada como o *outro*. A autora acrescenta essa percepção e mostra que se a mulher branca é concebida assim, pior é

a situação da mulher negra, já que na sociedade hierárquica, primeiro vem a masculinidade e o tom claro da pele e como a mulher negra foge dessas concepções de supremo, acaba sendo o *outro do outro*.

Para compreender essa superioridade do homem branco em relação a mulher, Ribeiro (2017, p. 42) apresenta a questão de a mulher ganhar um salário inferior ao homem branco, o homem negro menos que a mulher branca e em último lugar a mulher negra, que ganha menos que todos. Assim, ela exemplifica o motivo de dizer que a mulher negra é “o *outro do outro*”. Esta situação de marginalização se agrava, pois, “[...] mulheres negras eram em maior contingente de pessoas desempregadas e no trabalho doméstico [...]”, mostrando assim, que esse grupo, muitas das vezes são tidos como invisíveis para a sociedade.

A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto. Segundo o mapa de violência em 2015, aumentou em 54,8% o assassinato de mulheres negras ao passo que o de mulheres brancas diminuiu em 9,6%. Esse aumento alarmante nos mostra a falta de um olhar étnico racial no momento de se pensar políticas de enfrentamento à violência contra mulheres, já que essas políticas não estão alcançando as mulheres negras. (RIBEIRO, 2017, p. 43-44).

Com isso, vemos que quando falam em mulheres não utilizam o termo para abranger todas as mulheres, no caso acima o que se pode perceber é que a os índices de violência contra as mulheres negras, teve um grande crescimento, enquanto o da mulher branca, diminuiu, os dados que são tidos como importantes são apenas os que são relativos a classe branca, deixando de tomar medidas para combater essa violência contra a classe feminina negra, que só cresce.

A luta dessas pessoas negras em busca do direito a ter voz e vez, na concepção da autora é que “elas estão reivindicando o direito à própria vida”, pois, ainda com base nos dados apresentados acima, e levando em consideração a evolução histórica, se essas pessoas não buscarem o direito de fala, a expor sua condição, perderão a sua vida. Trazendo esses dados para literatura negra e em especial a literatura de Conceição, é evidente essa violência contra as mulheres negras a autora mostra o quanto essas mulheres são vulneráveis a situações de risco, um exemplo disso é o conto *Maria*.

Na literatura como um todo, essa mulher negra aparece como um ser que é apenas submisso aos mandados de seus senhores, geralmente aparecem como domésticas e amas que não têm voz e que não possuem um espaço central nas narrativas, enquanto as mulheres brancas ocupam um espaço de destaque, são as senhoras ou filhas dos senhores ou tem um cargo, que permite uma melhor condição de vida.

Ribeiro (2017, p. 46) mostra que “[...] o olhar tanto dos homens brancos e negros e mulheres brancas confinaria a mulher negra num local de subalternidade muito mais difícil de ser ultrapassado”. Para superar essa subalternidade, a mulher negra necessita trabalhar em si, sua importância, se fortalecendo, tomando consciência de quem tem direito de resistir e ultrapassar as fronteiras da marginalização a qual é colocada.

Além dessa subalternidade a mulher negra sofre com o preconceito enraizado na sociedade em que se tem como belo o branco, isso quer dizer que a boa aparência está ligada a cor branca, fechando de certa forma as portas de desenvolvimento para as mulheres negras. Por isso, uma das características do movimento feminista negro, “[...] é que elas não se restringem a se pensar somente como teóricas, mas como ativistas, militantes” (RIBEIRO, 2017, p. 51). Partindo dessa característica é notório que essas militantes estão buscando uma transformação social, evidenciando as desigualdades e assim tentando novos caminhos e novos rumos sociais.

Essa luta pode ser resumida em mostrar que o fato de ser diferente fisicamente, não o torna menos humano em relação ao outro e por isso as desigualdades não se justificam, existe várias formas de ser mulher, a cor da pele, o lugar qual vive, não deveriam ser fatores que contribuíssem para exclusão. E a postura de ignorar essa diversidade, adotada por muitos brancos e brancas tornando essa mulher negra oprimida.

Para entender melhor, a vida dessas mulheres marginalizadas, nada mais considerável que alguém que esteja por dentro dessa vivência, que mostre a vida dessas pessoas. Segundo Alves (2010), as escritoras e mulheres negras empenhadas contra as discriminações raciais, desde 1960, levantam novas questões relacionadas a invisibilidade, bem como o silêncio que muitas afrodescendentes, carregam diante da sociedade brasileira. Diante do surgimento das questões são textos teóricos e críticos que não se trata apenas de casos particulares vivenciados, essas questões estão diretamente ligadas a aspectos que contemplam a sociedade, e como essas questões são da contemporaneidade ainda aguardam por seus desenlaces.

A produção de textos poéticos e ficcionais colaboram para reflexões com algumas pensadoras negras, pois independente de terem públicos distintos, partem da mesma essência, a vida da mulher negra e os aspectos que envolvem a sua existência. Alves (2010) diz que “[...] a literatura afrofeminina brasileira passa a ter visibilidade em termos coletivos a partir da década de 1970, com a publicação da coletânea **Cadernos Negros**, em 1978, com a participação de oito autores, entre eles duas mulheres: Célia Aparecida Pereira e Ângela Lopes Galvão.” (ALVES, 2010, p. 68). Portanto, a coletânea *Cadernos Negros*, foi o divisor de águas na literatura afrofeminina, pois expandiu coletivamente a sua notabilidade. É tanto que não ficou

apenas em uma edição outras escritoras acrescentaram textos constantemente, sendo Conceição Evaristo uma delas.

Sendo assim, pouco abordada a literatura afro-brasileira, a qual “[...] assume a condição de denunciadora, de porta voz de grupos étnicos” (CARDOSO, 2017, p. 72). Denunciadora, pois assume o papel de mostrar a realidade do afro-brasileiro e não de camuflá-la, despertando o olhar do leitor para que veja como são as condições enfrentadas por essa população, e enriquecendo o conhecimento de quem tem o contato com esse tipo de literatura, uma vez que mostra a história de um povo.

Essa literatura quando produzida e protagonizada por negros, especificamente por mulher, desempenha uma função basilar para a valorização e reconhecimento desse povo étnico, além de colocar em evidência as relações de gênero existentes na sociedade. Por fim, permite ao leitor encarar a mulher negra sob um ponto de vista diferente do qual se apresenta na literatura do modelo de literatura existente clássico no Brasil. (CARDOSO, 2017, p. 72).

Quando a literatura é produzida pelo olhar do periférico, de quem passa pelas dificuldades, ela ganha um enriquecimento e passa a valorizar aquele que antes era marginalizado, focando na realidade. E quando se trata da mulher negra, antes ela era apenas “[...] constituída por meio de estereótipos que marcaram o passado e marcam o presente por meio da resistência à opressão” (AZEVEDO, 2017, p. 106), uma mulher que não tinha direito a voz, escravizada, sendo que “[...] a literatura se presta ao serviço de dar voz aos indivíduos silenciados pela violência e a marginalização a que foram submetidos pelo grupo hegemônico e detentor do poder na sociedade [...]” (AZEVEDO, 2017, p. 106), tomando como base essa citação, vemos que o objetivo da literatura, é dar voz e mostrar a opressão que as mulheres sofrem pelos que detêm poder social. E se tratando da escrita e mostrar a voz das mulheres negras, elas foram além do padrão de beleza tido pelo feminismo branco, o corpo. Assim Alves (2010):

A palavra de ordem para o corpo da mulher negra seria forçosamente outra tendo em vista o aviltamento do qual foi vítima esse corpo negro que passou pela coisificação, mutilação, primeiro pela força da escravização, e depois seguido de automutilação, para aproximá-lo da estética branca alienígena à sua feição natural. Antes de tudo, é um corpo vitimado que necessita de se desvencilhar das marcas de sexualização, racialização e punição nele inscritas para redefini-lo numa ação de afirmação e autoafirmação de identidade[...]. (ALVES, 2010, p. 71).

O corpo para o feminismo branco, é um símbolo mais estético, para o negro, é um símbolo de luta e de muito sofrimento. É notório que não é de hoje que a mulher negra é vítima, pois esse corpo sofre desde a escravidão, tido como objeto e depois imperfeito apenas por não ter a cor clara. Essas características ficam evidentes nos contos de Conceição Evaristo, há neles denúncias desses corpos carregados de histórias, de tantas batalhas travadas na existência das mulheres negras. As marcas carregadas pelos corpos das mulheres negras são muitas, no decorrer da história, e para recomençar uma nova compreensão sobre esse aspecto é necessário buscar uma nova meta, colocar como foco a sua identidade e a se autorreconhecer, para ter uma nova compreensão e mostrar o que de fato importa, a verdadeira realidade e a resistência do corpo negro. Deixando de lado padrões estipulados pela sociedade.

O número de escritoras negras tem crescido muito, e através da coletânea de *Cadernos Negros*, muitas tiveram visibilidade e puderam ter sua voz ouvida. São elas: Celinha, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimaraes, Ruth Souza Saleme, Miriam Alves, Cristine Sobral e Conceição Evaristo, escritora contemporânea, a qual será dado destaque, pois, se trata da autora dos contos escolhidos para a análise.

Mulher ativa no que diz respeito a cultura negra e no nosso país, Maria da Conceição Evaristo de Brito, mais conhecida por Conceição Evaristo, iniciou sua vida literária em 1990, quando começou a publicar na coletânea de *Cadernos negros*, contos e poemas que abordava discriminação racial e espaço voltado ao periférico. A sua literatura possui especificidades que prende o leitor, Ramos (2017) diz que:

O lugar que Conceição Evaristo ocupa em nossa literatura vai muito além das construções narrativas e personagens que envolvem o leitor em poucos parágrafos. A escritora que nasceu em uma favela de Belo Horizonte e foi empregada doméstica antes de realizar os seus estudos literários (formou-se em Letras, fez Mestrado em Literatura Brasileira e Doutorado em Literatura Comparada), registra a vida de resistência das mulheres negras, principalmente, e uma história essencial para compreender o Brasil, os seus preconceitos e violências. (RAMOS, 2017, p. 2).

Por sentir na pele a opressão e o que é viver na periferia, Evaristo consegue transpor seus sentimentos para sua produção, mostrando a garra de um povo que tanto sofre com uma sociedade discriminadora, e foi através de seus escritos que ela viu a forma de denunciar esse sistema opressor que silencia as lutas diárias de um povo, um exemplo dessa produção é a coletânea de contos *Olhos d'água*, que evidenciam essas lutas. “Conceição Evaristo compõe, no contexto brasileiro, esse conjunto de escritas pós-coloniais, uma vez que sua fala contribui para mostrar e questionar a realidade das mulheres negras em nosso país” (MESQUITA, 2017

p. 164), busca assim, mostrar a realidade social, da mulher negra, deixando claro sua preocupação com essa classe oprimida. “Seus textos são sensíveis, porém de caráter forte ao se posicionarem com orgulho perante a origem afro-brasileira em uma sociedade preconceituosa” (MESQUITA, 2017 p. 165), volta seu olhar para se evidenciar a voz do afro-brasileiro e

Notadamente, Evaristo não apenas aponta em seus contos o cotidiano da mulher negra de origem humilde, mas relembra que essa mulher tem angústias e experiências também similares às de outros grupos. As mulheres negras em Evaristo também erram, acertam, são fortes e fracas, possuem, enfim, uma vida para além dos paradigmas a elas impostos, (MESQUITA, 2017, p. 166).

Seus contos possuem temas centrados e aspectos relacionados a existência e cultura negra, visando questões tanto de experiências como também aflições, as mulheres e as adversidades do dia a dia, a dureza que é viver em uma sociedade patriarcal.

Levando em consideração o que foi exposto até então, partiremos para nossa análise, que terá como *corpus* os contos *Maria* e *Duzu-Querença*, estes que fazem parte da composição da obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, publicado pela primeira vez em 2014, que tem como foco o coletivo, os quais foram construídos abordando aspectos sociais, denunciando uma sociedade hierárquica, que tenta camuflar as realidades difíceis dos marginalizados, em especial, das mulheres negras.

O conto *Maria*, é evidenciado a vida de uma mulher que é a matriarca e que para dar conta de sua casa e seus filhos, ela trabalha como doméstica. Seu trabalho é distante da periferia que mora e para sua locomoção diária ela utiliza o ônibus coletivo. E um dia no seu retorna para casa, ela reencontra seu ex-companheiro. Nesse dia o ônibus foi assaltado e esse homem era um dos assaltantes. Por estar próximo de Maria, ela foi julgada ser cúmplice do assalto, sendo assassinada pelos demais passageiros, sem direito a defesa.

Já no conto *Duzu-Querença*, é contada a história de uma menina, no caso, Duzu, que vai para cidade em busca de estudar e assim poder ter uma profissão. Mas a mulher que lhe deu abrigo, não deixou ela estudar e a obrigou a fazer as tarefas domésticas da casa. No desenrolar do enredo é mostrado que a casa era um lugar de prostituição e Duzu, só descobriu quando foi violentada por um dos homens que frequentava a casa. Ela habitou-se a viver nesse ambiente, fazendo o que lhe era imposto, para poder ter como sobreviver e quando ficou mais velha e não tinha como continuar nessa vida, teve que ir morar na rua, submissa as esmolas que lhes era dada.

### 3 ESPAÇO, SILÊNCIO E VIOLÊNCIA PRESENTES NA “VIDA DE FERRO”<sup>3</sup> DAS MULHERES NEGRAS

Nesta parte analisaremos os contos: *Maria e Duzu-Querença*, de Conceição Evaristo. Para isso partiremos de pontos essenciais, como aspectos da crítica feminista com base nos textos de Heloisa Hollanda (1994), Susan Okin (2008) e Djamila Ribeiro (2016, 2018), o espaço em que geralmente ocorre a violência, usando como crítica Regina Dalcastagnè (2015), o silêncio das vozes negras diante da violência, usando como suporte os textos de Eni Orlandi (2007) e Michele Sciacca (1967), que serão fios condutores da nossa análise.

#### 3.1 PENSANDO A CRÍTICA FEMINISTA E O ESPAÇO DE VIOLÊNCIA EM QUE SE ENCONTRAM AS MULHERES NEGRAS

Como abordado no capítulo anterior, a literatura é produzida de acordo com seu autor, o ponto de vista que ele adota e a sua pretensão de criar. Assim, a literatura contemporânea busca ser de fácil acesso aos seus leitores, de mostrar algo novo e pouco discutido no espaço da literatura clássica. E, a literatura afro-brasileira conflui com a mesma finalidade, sendo que seu objetivo é evidenciar a realidade de pessoas negras, deixadas a margem da sociedade, almejando uma solução para as dificuldades por elas passadas.

No objetivo de ter fácil acesso e a urgência de circulação dessa literatura, o conto ganhou mais espaço, levando em consideração os estudos de Nádya Gotlib (2004, p. 8) é a narração que não tem limites entre a ficção e o real, e é uma arte de representar algo de formas diferentes. É essa arte que Conceição Evaristo usa ao produzir sua literatura, seus contos são exemplos de representação das dificuldades enfrentadas pelas pessoas negras. Nos contos selecionados para nossa análise, podemos ver a representação das dificuldades das mulheres negras de encontrar um espaço em que possam ter uma qualidade de vida mais confortável, cuja violência permeia os diferentes espaços.

Se tratando das dificuldades das mulheres negras, é indispensável o diálogo com o movimento do feminista ao longo dos anos. No texto *As diversas ondas do feminismo acadêmico*, de Djamila Ribeiro (2018), ela apresenta que o feminismo tem como objetivo: eliminar a hierarquia de gênero da sociedade, tendo-o como igualitário para todos e não enquanto divisão para privilegiar ou oprimir outros. Ou seja, eliminar as desigualdades de gênero para que sejam tratados iguais, e bem convivermos uns com os outros.

---

<sup>3</sup> Expressão utilizada por Heloisa Toller Gomes no prefácio do livro *Olhos d'água*.

Quanto a crítica feminista, por mais que ideologias do feminismo tenham aparecido no século XIX, Heloisa Hollanda (1994) diz que foi só nas “[...] duas últimas décadas que o pensamento feminista surge como novidade no campo acadêmico e impõem-se como uma tendência teórica inovadora e de forte potencial crítico e político” (HOLLANDA, 1994, p. 7). É notável que o processo de evolução feminista levou um determinado tempo para aparecer no âmbito acadêmico, mais de dois séculos para ser considerado tendência teórica.

Ainda conforme Hollanda (1994), um benefício conquistado pelo feminismo é poder atuar diferente do que é apresentado tradicionalmente pelo sistema patriarcal. Pois, por meio do feminismo ampliou-se o espaço de produção das mulheres, podendo elas tratarem de assuntos relativos a sociedade. Assim, como podemos perceber,

Ainda que não se abandone o trabalho com as formações discursivas e as estruturas de representação das relações de gênero, torna-se possível a inclusão daquilo que estas representações deixam de fora: os espaços sociais ou discursivos produzidos nas margens, nas entrelinhas e nas novas formas de organização das mulheres. (HOLLANDA, 1994 p. 17).

Com esse movimento, foi possível trabalhar a inclusão de representações minoritárias dos espaços sociais, ouvir a fala dos que estavam a margem, o que antes não era explícito e ficava apenas nas entrelinhas o ato de expressar o pensamento e a organização da mulher na sociedade. E se tratando de estudos feministas, Susan Okin (2008), destaca que:

“Gênero” refere-se à institucionalização social das diferenças sexuais; é um conceito usado por aqueles que entendem não apenas a desigualdade sexual, mas muitas das diferenciações sexuais, como socialmente construídas. Até hoje, os estudos feministas em teoria política tendem a ser marginalizados, como ainda são, em alguma medida, na área de história, em contraste com sua centralidade atual na teoria literária. (OKIN, 2008, p. 306).

O gênero é tido como instituição social capaz de mostrar as diferenças sexuais e como são construídas. A crítica feminista tem a sua volta discursos que tendem a marginalizá-la, seja em teoria política, como também quando são centro da teoria literária. Se tratando da mulher negra, como apontado no capítulo anterior, sua representação mais vista na literatura é a da mulher submissa a seus senhores, que é excluída do centro da sociedade, além de sofrer com a desigualdade sexual, sofre também com a desigualdade racial.

Pensar nessas concepções de gênero capaz de mostrar como o indivíduo é socialmente construído, e voltando à mulher negra, percebe-se a deficiência de conhecimento da sociedade, que deveria voltar seu olhar para a origem e assim entender sua evolução histórica e deste modo

ser menos preconceituosa. Dessa forma, “Numa sociedade de herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais torna-se necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos um novo marco civilizatório” (RIBEIRO, 2016, p. 103). Mas a figura da mulher negra na literatura é algo pouco explorado, apresentada na maior parte como seres periféricos e de segundo plano ou até mesmo sem importância na narrativa, outra parcela das personagens são estereotipadas, mestiça ou “esquecem” das suas origens.

Segundo Ribeiro (2018), enquanto o movimento feminista lutava por direitos como votar e trabalhar, o que as mulheres negras queriam também ter o direito de ser considerada como pessoas, sendo que apenas eram vistas como objeto para satisfazer a classe que se considera superior. Um dos desafios encontrados pelas mulheres negras é o movimento feminista branco achar que as suas lutas por alguns direitos irão contemplar as mulheres negras, pois existem muitas especificidades das negras que não são reconhecidas pelas feministas brancas, enquanto não darem a devida atenção a questão racial o movimento não avançará.

Djamila Ribeiro (2018) em seu texto *Feminismo negro para um povo marco civilizatório*, reflete que é necessário levar em consideração as diversas formas de existências, e que senão as observar seria sim uma forma de opressão. É baseado nessa diversidade que o feminismo negro busca refletir os diferentes olhares sobre a mulher negra na sociedade e tornar visível os problemas que elas passam, pois só assim, poderão ser resolvidos.

Um problema que acaba sendo invisível, apontado no texto de Ribeiro (2018) *O mito da mulher moderna*, e a mulher pouco percebe, é que conforme o mundo tenha evoluído as formas de opressões evoluíram juntas. Pois, não é pelo fato de possuir um emprego ou o direito à aquisição de um produto tecnológico mais avançado que ela está liberta do conceito de ser mulher e de ser mais propensa aos afazeres domésticos. Por mais que ela conquiste um novo espaço, continua sobrecarregada, tendo afazeres do trabalho, da casa e do bem-estar familiar. Um exemplo de mulher carregada de afazeres é Maria, personagem de nossa análise de um dos contos de Conceição Evaristo, uma vez que além de trabalhar como doméstica, cuidava da casa e dos filhos sozinha. Enquanto o pensamento estiver limitado a evolução do “eu”, e não olharmos para o lado e as dificuldades que as mulheres negras e pobres sofrem no dia a dia desde o processo da maternidade, o ato de estudar, de conseguir se manter no emprego estaremos indo de contramão com o objetivo do movimento negro, que é o bem comum.

A autora em destaque cita ainda o quanto é necessário expor as dificuldades e os problemas enfrentados por determinados grupos, pois o conhecimento é o primeiro passo para alcançar a igualdade racial. Pensar a situação do outro a partir do conhecer seu espaço se torna mais fácil para tomar certas medidas, o que realmente pode ser favorável para o

desenvolvimento e a ocupação das minorias nos diversos espaços da sociedade, gravando histórias como a de Duzu e a de Maria, na literatura, é o primeiro passo na concretização dessa igualdade.

Assim, pensando na ocupação dos espaços e focando nos contos *Duzu-Querença* e *Maria*, podemos destacar como espaços físicos: o local de trabalho, o quarto, o transporte coletivo. Conforme o texto *Lima Barreto e o espaço romanesco*, de Osman Lins (1976, p. 64), os espaços podem ser espelhos que dão um sentido mais abrangente a narrativa, capazes de evidenciar aspectos que contribuam para a compreensão do leitor. Tomar esses espaços como um dos elementos essenciais na compreensão dão possibilidades de interpretação, já que constituem os cenários, o que são essenciais para compreender as histórias dessas mulheres negras. Na continuidade do texto de Lins (1976), alguns espaços não podem ser ocupados, e as pessoas são impossibilitadas de ingressar, isso acaba tendo um peso maior na compreensão do texto literário, temos a personagem Duzu que foi impossibilitada de frequentar a escola, tendo que se sujeitar ao que os outros mandassem. Assim, o fato de não ocupar o espaço escolar contribuiu para a construção do enredo, da sua vida cheia de dificuldades e submissões.

Portanto, quanto ao espaço ocupado pelas mulheres negras há muito a expandir. No texto de Regina Dalcastagnè (2015), de título *Mulheres negras e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea*, ela aborda os diferentes espaços destinados as mulheres negras e geralmente, são as cidades grandes, mas que acabam indo morar em lugares como periferias, favela, já que lugares com uma condição mais elevada não tendem a morar. Para isso, a literatura brasileira utiliza para as construções de textos literários, exemplos de histórias que giram em torno de pessoas negras, que acabam indo morar nesses lugares, pois a renda financeira não permite que escolham algo melhor, ou sejam, são destinados a habitar os lugares mais desvalorizados e marginalizados das cidades.

Para se ter propriedade em falar dos espaços dos negros é necessário conhecer de perto essa realidade. Dalcastagnè (2015), cita como exemplo a autora Gizêlda Melo do Nascimento, como uma das pesquisadoras que optou por pesquisar tais espaços, ir para os ambientes urbanos que os negros estivessem inseridos para que assim tivesse uma maior abrangência para falar dos diferentes espaços e do modo de viver dos negros e não ficar apenas no superficial. Dalcastagnè acredita que mesmo quando algumas pessoas são sensíveis e se solidarizam com as dificuldades dos negros, na realidade não saberão de fato o passar e sentir na pele os problemas vivenciados por quem diariamente é tratado como diferente ou fora do “padrão” branco tido como normal da sociedade. Assim, se tratando de literatura, não tendo a experiência, não terão como produzir com amplo domínio e o texto literário ficará somente na

superficialidade dos fatos. Por isso, os textos de Conceição Evaristo nos aproximam e nos faz ir além, uma vez que escreve a partir do seu lugar de fala, já que descende de família negra simples e conviveu com diversas situações de dificuldades na favela que nasceu.

Um dos espaços descrito por Dalcastagnè (2015) apresenta uma das personagens do texto *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, a qual sofre com a discriminação de seus colegas por causa da sua cor de pele ser escura. Este exemplo nos remete ao retrato social de muitas crianças negras, principalmente quando é a novata da escola; discriminação essa que pode refletir negativamente na vida, pois muitas ao sofrerem o processo de *bullying* acabam por perder a vontade de participar das aulas, de buscar o conhecimento, o que é colocado pela pesquisadora Regina como algo capaz de libertar e possibilitar ocupar um lugar mais seguro.

Outro espaço comumente buscado e citado nos textos literários é a cidade de São Paulo, tida como a cidade das oportunidades, de emprego e de melhorias de vida. Mudar-se é para muitos a única saída para melhorar de vida, renova a esperança de ocupar um lugar digno para morar e poder se libertar da vida aprisionada a miséria. Dalcastagnè (2015) cita como exemplo a história de deslocamentos em busca de uma melhor condição de vida, apresentada no livro *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, em que conta a dificuldade de encontrar um lugar estável, as personagens tinham sempre que se mudar, e tais mudanças ocorriam quando eram convidadas a trabalhar na cidade como doméstica, o que também encontramos no conto *Duzu-Querença*, pois seus pais não possuíam uma boa renda e na busca de uma estabilidade financeira Duzu vai para cidade grande fazer os serviços domésticos de uma casa.

Mas, a idealização de cidade do progresso pode ser um palco para decepção, já que quando não se tem estudo e não tem descendência de família com posses, as oportunidades de emprego tornam-se reduzidas. Sendo na maioria das vezes destinadas as mulheres negras o trabalho doméstico. Em diálogo com Dalcastagnè (2015), citamos ainda a protagonista da obra *Quarto do despejo*, de Carolina Maria de Jesus, que abandonando a vida de doméstica e passa a viver com o que cata e ganha nas ruas. Algo semelhante vemos no conto *Duzu-Querença*, que quando Duzu não pode mais trabalhar no bordel, acaba indo para as ruas, viver com o que lhe é dado, um futuro diferente do que havia planejado ao chegar na cidade.

Dessa forma, trazendo essa busca de uma qualidade de vida estável, de poder estudar, de ter seu trabalho e sua própria renda, além de poder fixar moradia, sem ter que passar pela dificuldade de uma mudança sem um futuro certo, em relação aos contos em análise de Conceição Evaristo, temos a personagem Duzu, do conto *Duzu-Querença*, no momento em que veio para cidade e seu pai acreditava que

Era preciso também dar outra vida para a filha. Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura. Um dia sua filha seria pessoa de muito saber. E a menina tinha sorte. Já vinha no rumo certo. Uma senhora que havia arrumado trabalho para a filha de Zé Nogueira ia encontrar com eles na capital. (EVARISTO, 2016, p. 20).

Em relação ao trecho, Duzu viajou para cidade, pois era a esperança de mudança para melhorar sua vida e como era uma menina esperta seu pai acreditava que frequentando uma escola ela logo aprenderia a ler e ao mesmo tempo trabalhar. Podemos perceber que Duzu não é a primeira a mudar-se para cidade, como mencionado no texto de Dalcastagnè (2015), cidades são referências de espaços buscados por mulheres que procuram ter um futuro descente, como no conto a filha de um conhecido de Duzu já tinha vindo antes com o objetivo de transformar sua realidade de vida.

Assim, Duzu conseguiu de imediato um lugar para trabalhar, o que de início parecia sorte tornou-se exaustivo, pois ela trabalhava muito com as atividades domésticas e não tinha tempo para frequentar a escola, ficando sujeita ao que o destino reservasse para ela, ou seja, sua vida baseada em servir os outros, até quando o corpo desse de conta dos serviços. Ao chegar a idade mais avançada, Duzu, só teve como alternativa de sobrevivência viver nas ruas como mendiga. É através da história de Duzu que Evaristo mostra a dura realidade apontada por Ribeiro (2018) em que as mulheres negras são apenas vistas como objetos e devem servir aos seres “superiores”, realidade essa de muitas pessoas que ficam dependentes de outros na cidade grande, e não tem a oportunidade de escolher em que vai trabalhar, sujeita ao espaço que lhe é imposto.

Outra forma de delimitar o espaço, apontada por Dalcastagnè, em seu texto *Imagens da mulher na narrativa brasileira*, é que “[...] nenhuma personagem não-branca escreve, elas têm como talentos a cozinha, a costura e a dança (42,9% para cada), o que demarca com clareza os espaços ocupados por cada grupo” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 131). Ou seja, a mulher negra é direcionada a servir e distrair os que estão a sua volta. Seu espaço também é limitado, quando se trata de personagens com mulheres negras temos apenas 6% ocupando espaço na narrativa brasileira, além de uma narrativa destinada aos “espaços mais subalternos” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 130). Podemos observar ainda como o corpo da mulher é visto pela sociedade, ou seja, mais um “espaço” de estar a serviço do outro, o que é rejeitado pela classe branca tende a ficar no espaço contrário ao que o branco ocupa. No conto de Conceição há uma representação disso, no trecho:

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho. (EVARISTO, 2016, p. 20).

O homem cujo nome não aparece é a representação da sociedade que despreza o outro pelo fato de não ter uma boa aparência e não possuir condições dignas de sobrevivência. O ato “zombaria” é a forma que ela encontrou para amenizar essa discriminação, já acostumada a passar por semelhante situação. O espaço descrito não pertence a uma mendiga e, portanto, não pode ser ocupado da mesma forma como os demais, pois seu lugar é a margem, sem oportunidade de estar próximo ao outro, no caso, próximo ao homem. Segundo Dalcastagnè (2015) o diferente é muitas das vezes tendencioso a aversão de outros grupos sociais.

Com isso, pode-se entender ainda que a escrita de autoras como Carolina Maria de Jesus, sobre os espaços públicos, apresentam uma transcrição de histórias elaboradas através de um conjunto de experiências. Um exemplo dessa escrita através de experiências é o texto de Conceição Evaristo, que no conto nomeado *Maria* mostra a realidade de tantas mulheres que saem de seu lar para trabalhar de doméstica na casa de pessoas com melhores condições de vida e que, para isso, percorrem uma longa distância.

No conto de Evaristo, Maria é uma das tantas que enfrentam muitas dificuldades para dar uma vida digna a seus filhos, pois depende dos restos que não servem mais a seus patrões, mas que para ela e seus filhos será uma novidade. No trecho, “No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora!” (EVARISTO, 2016, p. 24), percebe-se que Maria e seus filhos são pessoas simples, já seus patrões representam a classe economicamente confortável que doa apenas o que não mais lhe serve. Evaristo mostra como é a realidade dos grupos sociais e as desigualdades sempre presentes, ou seja, enquanto uns tem de sobra, outros ficam apenas com a sobra.

Com base no texto de Ribeiro (2018), as desigualdades acontecem pelo fato da mulher negra não ser vista como uma pessoa, mas sim como um ser inferior ou um objeto, conseqüentemente, as suas dores e necessidades são invisíveis aos olhares dos outros, por isso a necessidade de se falar sobre os questionamentos que as povoam. E é através do conto *Maria* que Evaristo busca evidenciar essa situação de injustiça, pois, só assim, alguma medida pode ser tomada e de ser tratada como natural e todos tenham direito a espaços iguais.

Para se falar em detalhes sobre as realidades da mulher negra e os espaços que ela ocupa se faz necessário vivenciar ou presenciar as questões que a envolve. Nisso, Dalcastagnè (2015)

acrescenta que é de grande importância olhar o mundo de outra forma, de outro ângulo e que isso faz com que a literatura possa ser mais rica e diversificada, assim como a humanidade.

Na escrita de Evaristo percebemos uma literatura baseada em pesquisas e experiências capazes de resgatar, evidenciar e denunciar o que é perceptível nos contos, uma vez que ela é conhecedora das realidades, das pessoas marginalizadas e histórias carregadas de discriminação, pois nasceu no meio delas. Assim, falar com propriedade de um assunto na literatura é fazer com que mais uma porta se abra ao resgate da cultura ainda em evolução, além de evidenciar a batalha das pessoas por uma vida melhor e denunciar as desigualdades, o que muitas vezes passa despercebido por quem possui um poder aquisitivo maior, como também a falta de oportunidades para determinados grupos sociais, como as mulheres negras.

Para Dalcastagnè (2015), “[...] ser mulher e ser negra marca um espaço de interseccionalidade – onde atuam diferentes modos de discriminação - que é pouco reconhecido” (DALCASTAGNÈ, 2015, p. 53). Assim, estudar essa mulher negra abre brechas para diferentes formas de enxergar o espaço no texto *Espaço e literatura: algumas reflexões teóricas*, de Ana Regina Bastos (1998). A pesquisadora aponta que o espaço vai além da descrição de um lugar e que mesmo sendo composto por ideias pode representar aspectos sociais e valores diferentes. Pensando nesses valores, vemos essa representação de espaço expressa nas desigualdades em que convivem as mulheres negras. Os espaços ocupados por elas são, geralmente, rodeados pelos sistemas de opressão, discriminação ou dominação. Considerar esses pontos sociais possibilita uma consistência e originalidade à literatura, pois trazem aspectos que antes quase não eram tratados, como por exemplo uma história partindo da vida de uma mulher negra.

Observar, estudar e dar voz a essa mulher negra e pobre é uma forma de entender os aspectos culturais e políticos presentes na nossa sociedade, além de ser um passo fundamental para que haja a valorização da igualdade social e valorização das raízes construídas pela sociedade, que, afinal, parte da miscigenação, por isso a importância de conhecer e valorizar as diferenças culturais originárias de cada grupo.

Os contos evidenciam que o espaço deveria ser a ponte para o progresso de certas personagens, mas a cidade se torna muitas vezes, o palco de violência. No conto *Duzu-Querença*, a casa em que ela ficou na promessa de estudar e trabalhar não se evidencia, pois se depara com uma realidade ainda desconhecida. E isso pode ser percebido no conto: “Duzu ficou com na casa da tal senhora durante muitos anos. Era uma casa grande de muitos quartos. Nos quartos moravam mulheres que Duzu achava bonitas” (EVARISTO, 2016, p. 20). A casa da senhora era na verdade um bordel e ela por ser jovem fazia apenas as funções relacionada a

limpeza da casa. Às vezes, um espaço é buscado como única saída para o crescimento pessoal e deveria ser de esperança por um futuro mais promissor, mas torna-se para a personagem um lugar de dor, quebrando assim os sonhos de ser uma pessoa independente (DALCASTAGNÈ, 2015). E foi na limpeza que se deparou com um mundo, até então desconhecido por ela:

Houve até aquele quarto em que o homem lhe fez um carinho no rosto e foi abaixando a mão lentamente... A moça mandou que ele parasse. Não estava vendo que ela era uma menina? [...] Ele pegou a carteira de dinheiro e deu uma nota para Duzu. Ela olhou timidamente para o homem (EVARISTO, 2016, p. 21).

No trecho, fica evidente que o local onde deveria apenas trabalhar para obter um futuro diferente de seus pais, com o devido estudo, finda em um espaço de sofrimento, pois acabam se aproveitando da sua inocência, em que várias vezes é assediada. Isso nos faz refletir a realidade de muitas meninas não apenas no Brasil que passam por tal situação e acabam dando outro rumo na vida, como consequências de situações semelhantes com a de Duzu.

No conto *Maria*, a violência não ocorre no local de trabalho, mas no retorno para sua casa. “Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado” (EVARISTO, 2016, p. 26), vítima de conclusões precipitadas, ou seja, os atos impensados e a falta do espaço de defesa, tiram a vida de tantas pessoas trabalhadoras como Maria, que é matriarca.

Portanto, pensar na contribuição do feminismo negro para a literatura brasileira é perceber que o feminismo branco não abrange todas as especificidades da mulher negra, e o objetivo do movimento negro é mostrar a desigualdade racial que passa despercebido. Em nossa análise, essa desigualdade é refletida no espaço em que as mulheres negras são destinadas a ocupar espaços inferiores e marginalizados, tendo que conviverem com tantas dificuldades, e na maioria das vezes não são levadas em consideração por serem vistas apenas como seres inferiores, sem importância. Esses espaços tendem a evidenciar as violências e silenciamentos, e assim, as mulheres negras ficam à mercê dos que estão a sua volta.

### 3.2 O SILÊNCIO DAS VOZES NEGRAS DIANTE DA VIOLÊNCIA REPRESENTADOS NOS CONTOS *MARIA* E *DUZU-QUERENÇA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Os contos *Duzu-Querença* e *Maria* nos envolvem e ao mesmo tempo nos leva a refletir sobre a vida das pessoas marginalizadas, em especial as mulheres negras. Eles mostram a realidade e a luta pela sobrevivência de Duzu e de Maria. No sentido coletivo, mulheres que

batalham e sofrem com as opressões da sociedade e violências que tendem a silenciá-las. Sendo esse silêncio um dos focos de nossa análise, buscando assim provocar a discussão porque elas se mantêm em silêncio e não tentam se defender.

No texto de Michele Sciacca (1967, p. 22), *Silêncio e palavra*, a filósofa nos diz que o silêncio pode levar uma pessoa a pensar, refletir, meditar e contemplar sem que seja preciso oralizar algo. Segundo ela, o silêncio pode dizer muito e ser carregado de significados, e, por mais que tente falar do silêncio não há como exprimi-lo em palavras, pois, “[...] há silêncios que falam mais do que qualquer palavra; há palavras que não dizem nada [...]” (SCIACCA, 1967, p. 22), ou seja, pensar uma definição para o silêncio é ir além do que as palavras podem dizer.

Geralmente, buscamos escapar do silêncio, pois muitas vezes ele funciona como um peso na vida de uma pessoa já que “[...] a dor física nos faz gritar; os sofrimentos espirituais nos recolhem ao silêncio; quando se desabafam e se consolam gritando são sentidos mais emotivamente do que espiritualmente” (SCIACCA, 1967, p. 45). Dessa forma, Sciacca (1967) nos esclarece no trecho que o silêncio pode ser mais dolorido que uma dor física, pois ele pode estar diretamente ligado aos sofrimentos da alma, nesse caso está ligado a emoção interior.

Sua definição está propensa a situação ou a quem opta por ficar em silêncio, ele tanto pode ser um sinal de “martírio, obediência” (SCIACCA, 1967, p. 25). Portanto, a situação é o que define o silêncio, e muitas das vezes deixamos de dizer algo por que nos faz sofrer ou simplesmente por obedecer, aceitar, determinadas circunstâncias. Se voltarmos ao conto de *Duzu-Querença* podemos perceber sobre o silêncio quando: “vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina” (EVARISTO, 2016, p. 21). Duzu não contou a ninguém sobre a situação descrita no trecho selecionado, seu silêncio conflui com o pensamento de Sciacca, pois ela obedece ao homem e não denuncia o assédio sofrido, ainda menina. Vemos o espaço de violência silenciado, Duzu tinha medo não compreendia o que estava acontecendo e isso contribuía para o seu silenciamento.

Em *Duzu-Querença* continuamos a ver o silenciamento da personagem diante do martírio, das dúvidas, pois se sentia perdida, “Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. Ganhou muito dinheiro depois” (EVARISTO, 2016, p. 21). A descrição de Duzu feita por Evaristo nos remete a dois momentos da infância: o de meninice e inocência, e a de descoberta de um novo mundo, o qual silencia algumas pessoas, por meio da troca de algo, no caso de Duzu, o dinheiro que necessitava para ter um futuro mais confortável. No entanto, ela não percebia que estava sendo manipulada pelo homem, o símbolo de hierarquização apresentado

no capítulo anterior, destacado por Ribeiro (2017) que a mulher é pensada a partir da diferença entre ela e o homem e que assim ele se considera superior a mulher.

O silêncio pode ser “encantador ou insuportável, aceito ou rejeitado, sofrido ou evitado, o silêncio tem uma potência tão infinita quanto o infinito da nossa interioridade” (SCIACCA, 1967, p. 35). Ou seja, o silêncio pode ter duas vertentes: pode ser uma dicotomia, um lado bom e/ou um lado ruim, pode atingir profundamente aquele que se rende a ele. No conto, percebemos que o ato de silenciar a mulher evitaria novos conflitos, como não ser compreendida, envolver outras pessoas e provocar mais situações desconfortáveis. Mas, ninguém pensa nela e o fato de se sacrificar, poupando outros e sofrendo sozinha com a peso da violência. Ainda segundo Sciacca (1967) é no silêncio que muitas vezes retornamos ao passado, tanto pode ser recordando coisas boas como decepções, e assim refletir sobre todos os caminhos percorridos na vida.

A filósofa acrescenta ainda que o silêncio é um sinal de respeito ou lealdade a uma pessoa, mesmo que a outra não tenha prometido ser fiel. No conto *Maria*, podemos ver um exemplo desse silenciamento quando “[...] Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. [...] Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. [...] Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém” (EVARISTO, 2016, p. 25). Na narrativa, podemos averiguar que a personagem Maria ficou em silêncio diante das acusações contra ela, pois amava o pai de seu filho e não o via como um assaltante. Dessa forma, ela foi leal ao seu sentimento, mesmo que não tenha recebido nenhuma promessa do ser amado se manteve em silêncio, diante da situação de risco protegendo seu ex-companheiro. Pensando no coletivo, Maria mostra a submissão que as mulheres são tendenciadas a conviver, e nos faz retomar a leitura da diferença de gênero apresentado no início do subtópico anterior com Okin (2008), uma vez que o sistema patriarcal concebe ao homem a forma de superioridade, tido como o centro e que manda no gênero feminino por ele ser considerado o “sexo frágil”. Maria, uma mulher que protege o outro e romantiza aquele que conviveu com ela sofrendo as consequências de seu silêncio.

Em diálogo com Sciacca, o texto *As formas do silêncio*, Eni Orlandi (2007, p. 101), nos diz que o silêncio é ambíguo como as palavras, pode ter diferentes significados e não ser “transparente”, pois depende de quem o produz e em qual condição é formado, tendo portando várias significações. A autora diz que “O silêncio do sentido torna presente não só a iminência do não-dito que se pode dizer, mas o indizível da presença: do sujeito e do sentido” (ORLANDI, 2007, p. 70). Sendo assim, o silêncio relacionado ao sentido está diretamente ligado ao sujeito, pois é através deste que se tem a proximidade do que se pode ou não ser dito.

No caso de Duzu, não havia como ela falar devido a sua inocência, já que não permitia ver a maldade ao seu redor. No conto, “[...] um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar. Ganhava mais e mais dinheiro. Voltava e a moça do quarto nunca estava” (EVARISTO, 2016, p. 21). Por intermédio desse trecho, pode-se perceber que ela era uma menina, pois desconhecia o ato sexual, por isso foi facilmente influenciada, visando apenas o que iria ganhar, pois não tinha consciência da real intenção do homem. Afinal, se aproveitar da inocência é uma forma de manter o outro em silêncio. A violência cometida por pessoas más intencionadas tem-se tornado algo muito corriqueiro, porque aproveitar-se dos indefesos possibilita uma vantagem, já que muitas vezes eles não dizem e a sociedade tem fechado os olhos para as cruéis realidades.

Assim, levando em consideração Sciacca, e ligando a ideia que o silêncio não é transparente, percebe-se que este é cheio de sentidos, “[...] o silêncio é a fuga de tudo, sem separação de coisa alguma, porque tudo está dentro do próprio silêncio: nele, vestidas de eternidade, estão todas as palavras despojadas do tempo” (SCIACCA, 1967, p. 70). Com isso, sua significação vai além do que não é pronunciado, corrobora numa forma de fugir de determinadas circunstâncias, por trás do silêncio há todas as palavras enxugadas com o tempo. No trecho:

Um dia quem abriu a porta de supetão foi D. Esmeraldina. Estava brava. Se a menina quisesse deitar com homem podia. Só uma coisa ela não ia permitir: mulher deitando com homem, debaixo do teto dela, usando quarto e cama, e ganhando o dinheiro sozinha! Se a menina era esperta, ela era mais ainda. Queria todo o dinheiro e já! Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e de tantos quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e porque parar. Dona Esmeraldina arrumou um quarto para Duzu, que passou a receber homens também. Criou fregueses e fama. (EVARISTO, 2016, p. 21).

Evaristo nos provoca em relação a descrição vivenciada pela personagem, pois a situação só passou a fazer sentido para Duzu, e para nós leitoras, quando a mulher que a tinha acolhido descobriu que a menina estava se relacionando com um homem. Com isso, a menina sofre com o abuso sexual e com o abuso de poder, sendo retirado dela tudo que tinha ganhado por se relacionar com os homens, o que conforme Alves (2010), visto no capítulo anterior, a mulher é explorada e muitas vezes violentada em seu local de trabalho. E, após esse abuso de

poder, ela percebeu o motivo de ser privada de ver sua família, de frequentar a escola, pois certamente poderia ser alertada do que se passava na casa. A personagem compreendeu porque a casa era cheia de mulheres e tão visitada por homens, percebeu que era responsável pela limpeza até o dia em que pudesse fazer o mesmo que as demais. Com o passar do silêncio da sua inocência ela teve consciência da situação, que foi acelerada quando foi violentada sexualmente.

A personagem feminina Duzu viu que seu futuro ia ser servir as vontades dos homens, pois conforme mencionado por Ribeiro (2017), anteriormente, a mulher negra é apresentada como o “*outro do outro*”, uma vez que quem tem prioridade, primeiro, pertence ao gênero masculino e, segundo, quem tem a cor clara de pele. Quanto a Duzu, é negada por ser negra e do gênero feminino, ou seja, não se encaixa nos que possuem prioridades, sendo obrigada a aceitar a regra da casa, por não ter outro rumo, sem estudo, mulher negra e pobre. Assim, restou para ela depender das vontades de Dona Esmeraldina, dona da casa de mulheres, que só se interessava pelo lucro e não queria ter prejuízos. Na visão de Duzu, estava sujeita aquele destino, por isso manteve-se em silêncio, sem buscar sair da casa, interrompendo assim os sonhos de menina, em possuir uma melhor condição de vida. Sendo que:

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida. (EVARISTO, 2016, p. 22).

É perceptível na narrativa que a vida da personagem foi baseada em viver nos bordéis, presenciou muitas das violências contra as mulheres, permaneceu em silêncio diante de tantas barbaridades vistas e vividas. Em relação ao silenciamento das mulheres acrescentamos o texto *Minha história das mulheres*, de Michelle Perrot (2007, p. 16-17), quando nos esclarece que o silêncio é relativo em relação a invisibilidade das mulheres, já que elas pouco frequentam os lugares públicos, permanecem a maior parte do tempo em casa e conhecem muito do ser dona de casa e dos homens da casa, conversar com os demais seria um privilégio. Assim, Duzu acostumou-se a triste realidade de muitas mulheres, que como ela são sujeitas de um outro devido as desigualdades camufladas pela classe dominante, já que não podia frequentar outros lugares devido a sua condição financeira e, assim, não poder ocupar outros espaços.

Retomando o texto de Orlandi (2007), esta nos apresenta duas formas de silenciamento: o silêncio fundador e a política de silêncio. Explica que o silêncio fundador é capaz de dar significação por si mesmo e a política de silêncio é aquela que se divide entre o dizer e o não

dizer. O segundo tipo de silêncio de Orlandi (2007) é “[...] a política do silêncio dispõe as cisões entre o dizer e o não-dizer. A política do silêncio distingue por sua vez das duas subdivisões: a) o constitutivo (todo dizer, cala algum sentido necessariamente); e b) o local (a censura)” (ORLANDI, 2007, p. 102). Sendo assim, a primeira subdivisão é constitutiva, pois quando se fala algum significado se perde no ato. A segunda subdivisão é formada pela censura, não poder falar em determinado local ou circunstância. Pensando no conto *Maria*, pode-se perceber a presença do segundo tipo de silêncio apresentado por Orlandi (2007), já que não é permitida a voz de Maria. Na passagem:

Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. (EVARISTO, 2016, p. 25).

Assim, vemos que Maria foi acusada de ser cúmplice de um assalto apenas por estar sentada ao lado do criminoso, que era pai de seu filho. Por não ter sido assaltada, e não possuir nada que interessasse os assaltantes, prevaleceu pelos acusadores o seu tom de pele. Aqui fica evidenciado que Maria sofre com a discriminação e a marginalização por se enquadrar no estereótipo natural de ser mulher e negra. O gênero feminino é tido por submisso, como apresentamos no capítulo anterior, por Ribeiro (2017), e esta classifica essa mulher como o *outro do outro*, uma pessoa que é discriminada por ser mulher e por seu tom de pele, que difere da ideia que por ser homem branco é superior aos demais. As marcas desses preconceitos são perceptíveis na acusação contra Maria, a seguir:

Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembavam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira (EVARISTO, 2016, p. 25).

Percebemos no trecho em análise que a violência é incitada contra Maria pelo jovem e pelos outros que não hesitaram em mais uma vez exaltar a sua cor pele, como se a pele a obrigasse a fazer parte da marginalidade, já que a preferência social do “ser de bem” pertence aos homens e as mulheres de cor clara, como é apontado por Ribeiro (2017). Maria é oprimida com um tapa quando tenta falar, mostrando assim que seu silenciamento é resultado da política do silêncio, apontada por Orlandi (2007), que é censurada a sua defesa. Também não é ignorada quando a voz do outro a tenta defender:

— Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. (EVARISTO, 2016, p. 25-26).

Por mais que o motorista tentasse interceder por Maria não houve acordo, as acusações estavam se sobressaindo contra ela. Não quiseram saber de Maria, nem o que seria de seus filhos, morria a responsável por gerir uma família. E mesmo em seu silêncio, só pensava nos seus filhos, seu silêncio estava carregado de palavras não permitidas a serem oralizadas. Antes de pronunciar, “[...] o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado” (EVARISTO, 2016, p. 26). A violência tomou conta da situação, fazendo mais uma vítima da discriminação e falta de compaixão das pessoas. Maria, como tantas outras mulheres negras morreu sem ter o direito de se defender, oprimida pelo sistema que a censurou, pelas falas de pessoas marginalizadas.

Orlandi (2007) nos convida ainda a refletir que “[...] o autor é o sujeito que “sabe” que há um interlocutor; um sujeito que deve seguir injunções de racionalidade social, disposições do uso social da linguagem” (ORLANDI, 2007, p. 103). O silêncio pode estar ligado com a função da autoria, que traz para sua produção e caminhos por ele percorrido, sendo o ponto inicial para obter significados no texto. Aquele que cria deixa para seu interlocutor dar sentido ao que é dito, parindo e seguindo o raciocínio do autor. Se pensarmos nos contos de Conceição Evaristo é notório essa relação da autoria com o significado do texto, pois mostrar a realidade por ela vivida ou presenciada, nos provoca questionamentos relacionados com a desigualdade racial, evidenciando o quanto as mulheres negras, como ela, têm que batalhar muito para ganhar espaço e que muitas vezes são oprimidas e forçadas ao silêncio, sem que possa falar sobre as discriminações que passam.

Existem diversos espaços de violência, silenciados pela dor, pelas injustiças, pelas desigualdades sociais e raciais. Nos contos de Conceição Evaristo podemos destacar ainda as

violências destinadas ao corpo, como o estupro e o abuso infantil em *Duzu-Querença*, além do racismo encontrado no conto *Maria*. Os tipos de silêncios que percebemos para justificar o silenciamento dessas duas mulheres são os apontados por Sciacca (1967), como sinal de submissão, obediência e lealdade, além do silêncio da invisibilidade descrito por Perrot (2007). Já as definições de silêncio apresentadas por Orlandi (2007) podem ser tomados como causa dos silenciamentos enquanto “silencio do sentido” e política do silêncio, a censura da voz.

Assim, percebemos que há muitas formas de silêncio e que pensar nessas mulheres negras e os motivos que a levam ao silenciamento é considerar que ele é influenciado por muitos fatores que estão a sua volta, principalmente pelo espaço por elas ocupado e por aqueles que tendem a oprimi-las por se acharem superiores.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi apresentado no desenvolvimento desta pesquisa, percebemos o quanto é importante dar voz e olhar para os que são deixados à margem da sociedade, pois aceitar as diferenças e entender que existem muitas desigualdades é o primeiro passo para o desenvolvimento social. Para alcançarmos nossos objetivos levamos em consideração a crítica feminista e os estudos sobre o silenciamento das mulheres negras, além da teoria literária sobre o espaço que serviram de alicerce para compreensão da pesquisa. Percorremos o caminho de introduzir a literatura contemporânea em que a autora dos contos está inserida, falamos da sua autoria e dos aspectos que contribuem para que as mulheres negras sejam silenciadas.

A partir do que foi apresentado sobre a literatura contemporânea, a literatura negra e literatura afro-brasileira, se faz necessário pensar repassar a literatura brasileira como uma forma de rever as mulheres negras não estudadas no cânone literário. Assim, rever a partir de um ponto novo, que ainda não tenha sido mostrado, com a brevidade e mecanismos para alcançar um maior número de leitores. A literatura negra parte do olhar do negro, numa tentativa de busca suas raízes perdidas com o decorrer dos tempos. Já a literatura afro-brasileira vai além de só evidenciar o tom da pele, ela busca evidenciar as desigualdades, mostrando a realidade dos que são marginalizados pelas classes dominantes, dando voz aos que antes não apareciam ou que quase não tinha voz nas narrativas. Sendo esta última a que Conceição Evaristo faz parte.

Diante do que foi exposto na parte de nossa análise, percebemos que em relação ao espaço em que as mulheres negras sofrem com a violência, este é evidenciado em toda parte, desde seus lares ao passo do trabalho, sempre vulneráveis à ação dos outros. O espaço das mulheres negras apresentado nos contos *Duzu-Querença* e *Maria* são os que socialmente são acostumadas a frequentar, o primeiro é a casa onde morava a personagem Duzu e o segundo corresponde ao coletivo de ônibus que Maria pegava todos os dias para retornar a sua casa. Com isso, percebemos que a violência está naturalizada, as vezes de onde menos se espera; há também os espaços não físicos, ou seja, situações que tendem a silenciar as mulheres.

De acordo com a análise proposta e levando em consideração os textos de Sciacca (1967) e Orlandi (2007), percebemos que os silenciamentos das mulheres negras narradas se dão devido aos fatores sociais, a cor da pele, à questão de gênero numa sociedade machista e escravocrata. No conto, o posicionamento das mulheres descritas é de silêncio a submissão na situação em que se encontra, no caso de Duzu, e de lealdade ao ex-companheiro, mesmo que ele não tenha lhe prometido nada, no caso de Maria. Com isso, refletimos nos trechos dos contos

selecionados o silêncio do que pode ou não ser dito, de uma voz constantemente silenciada pelos que estão a sua volta.

Contudo, consideramos a pesquisa relevante, pois nos levou a conhecer e a refletir por meio do texto literário e da crítica proposta a dura realidade enfrentada pelas mulheres negras. Voltar o nosso olhar para as pessoas marginalizadas é um papel que todos devem desempenhar, buscar conhecer a realidade do outro antes de julgar se faz imprescindível para a evolução de uma sociedade igualitária. Assim, esperamos que essa pesquisa possa contribuir com aqueles que buscam saber mais sobre as questões que envolvem as mulheres negras e a partir dos dados aqui levantados explorar outros aspectos relacionados as desigualdades que as envolvem.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. **Brasilafro autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea**. Belo Horizonte, v. 7, Nandyala, 2010.

ARRUDA, Angela Maria Pelizer de. **Cultura e literatura contemporâneas: algumas abordagens do pós-moderno**. Estação literária, Londrina, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL9Art16.pdf>>. Acesso dia 05 set. 2018.

AZEVEDO, Natanael Duarte. MELO, Iran Ferreira de. **A Construção do Feminino em “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo: Uma Análise de Performances Pós-Identitárias de Gênero**. Letras e línguas, p.101-111, 2017.

BASTOS, Ana Regina Vasconcelos Ribeiro. ESPAÇO E LITERATURA: ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 5, p.55-66, jan/jun. 1998. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6316/4509>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CARDOSO, Sebastião Marques. SILVA, Elen Karla Sousa da. **Representações da violência no conto “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo**. Revista da Anpoll nº 43, p. 59-74, Florianópolis, Jul./Dez. 2017.

CASTRO, Ronaldo Oliveira de. **Pensamento social brasileiro e literatura contemporânea**. **Artcultura**, Uberlândia, v. 11, n. 19, p.183-195, dez. 2009. Semestral.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

\_\_\_\_\_. **Imagens da mulher na narrativa brasileira. O Eixo e A Roda: Literatura brasileira contemporânea**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p.127-135, 2007. Disponível em: <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/3267/3201](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267/3201)>. Acesso em: 24 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais**. **Iberic@l**, Brasília, n. 02, p.13-18, mar. 2012. Disponível em: <<http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. In: DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura e exclusão**. Porto Alegre: Zouk, 2017. p. 195-216.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Editora: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional 1. ed. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-olhos-dagua-conceicao-evaristo-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/>>. Acesso em: 05 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

ESTEVEES, Antonio R. O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000). In: FERREIRA DOS SANTOS, João Paulo. **Jorge Amado e o romance histórico do cacau**. Brasília, 2017. Dissertação de pós-graduação em literatura. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23021/1/2017\\_JoaoPauloFerreiradosSantos.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23021/1/2017_JoaoPauloFerreiradosSantos.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2ª edição, Ed. Atlas, São Paulo, 1989. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social-1989.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do conto**. Não Consta: Coletivo Sabotagem, 2004. Disponível em: <[https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:24VJa20cFKgJ:https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2538777/mod\\_folder/content/0/Nadia%2520Battela%2520Gotlib%2520%2520Teoria%2520do%2520Conto.pdf%3Fforcedownload%3D1+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:24VJa20cFKgJ:https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2538777/mod_folder/content/0/Nadia%2520Battela%2520Gotlib%2520%2520Teoria%2520do%2520Conto.pdf%3Fforcedownload%3D1+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em: 24 nov. 2018.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses – O feminismo como crítica da cultura**. Rocco, Rio de Janeiro, 1994.

JOBIM, José Luís; SOUZA, Roberto Acízelo de. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MEDEIROS, Fabiana Curione de. **Literatura e Identidade Negra: questões de cor ou de raça?**. Paraná, 2013. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos\\_pde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_uem\\_port\\_artigo\\_fabiana\\_curioni\\_de\\_medeiros.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos_pde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uem_port_artigo_fabiana_curioni_de_medeiros.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2018.

MESQUITA, Lucimara Grando; DIAS, Rafaela Kelsen. “Ana Davenga” e “Beijo na face”: empoderamento feminino e negro em personagens da antologia Olhos d’água. **Revista Alpha**, Patos de Minas, v. 18, n. 1, p.164-173, Jan/Jul. 2017. Semestral. Disponível em: <<http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/1851451/Ana+Davenga+e+Beijo+na+face.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p.305-332, Mai/Ago. 2008. Quadrimestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000200002/8618>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

OLIVEIRA, Samuel Francisco Pereira de. **Perfis de identidade femininas no romance “Gabriela, Cravo e Canela” de Jorge Amado: indo além do progresso e conflitos de poder na terra de ilhéus**. Catolé do Rocha, PB, 2013. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4535/1/PDF%20%20SamuelFrancisco%20Pereira%20de%20oliveira.pdf>>. Acesso dia 05 set. 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. Tradução Angela M. S. Côrrea.

RAMOS, Franciene. **Olhos d'água (Conceição Evaristo):** um registro de vidas silenciadas. Disponível em: < <http://livrocafe.com/2017/11/15/olhos-dagua-conceicao-evaristo-um-registro-de-vidas-silenciadas/>>. Acesso em: 13 set. 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório.** SUR 24 - v.13 n.24, P. 99 – 104, 2016.

\_\_\_\_\_. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

\_\_\_\_\_. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. Disponível em: <<https://iedamagri.files.wordpress.com/2015/08/schollhammer-karl-erik-ficcao-brasileira-contemporanea.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2018.

SCIACCA, Michele Federico. **Silêncio e palavra.** Rio Grande do Sul: Faculdade de Filosofia-ufrgs, 1967.